

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

O meu livro das profissões: Recurso Psicoeducativo de promoção da linguagem e orientação vocacional

Sandrina Isabel Marques Patriarca
(e-mail: sandrina.patriarca@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia na área de pré especialização em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento sob a orientação da Professora Doutora Ana Paula Couceiro Figueira

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade de Coimbra

O meu livro das profissões: Recurso Psicoeducativo de promoção da linguagem e orientação vocacional

Sandrina Isabel Marques Patriarca
(e-mail: sandrina.patriarca@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia, área de pré especialização em Psicologia da Educação, do Desenvolvimento e do Aconselhamento, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, realizada sob a orientação da Professora Doutora Ana Paula Couceiro Figueira

Coimbra, 2018

O meu livro das profissões: Recurso Psicoeducativo de promoção da aquisição linguagem e orientação vocacional

Resumo

A Psicologia Vocacional assenta na orientação vocacional, ou seja, no processo de identificação da atividade profissional que melhor se adequa às características específicas do indivíduo. Este processo resulta numa escolha.

Tendo em conta que a vida é feita de escolhas, é impossível evitar o processo de tomada de decisão. Por isso, à medida que o desenvolvimento humano acontece, as escolhas tornam-se mais complexas, exigindo mais competências e mais conhecimentos, frequentemente pautados pela transversalidade.

O presente trabalho tem como objetivo principal a elaboração de um conjunto de recursos de intervenção na orientação vocacional, precoce, e potencializadores da aquisição da linguagem, utilizando, para isso, jogos e atividades lúdicas, originais e atrativas, passíveis de serem utilizadas por educadores, crianças de idade pré-escolar e 1º ciclo, assim como a indivíduos com eventual declínio cognitivo. Assim, pretende-se alargar o público-alvo, de forma a abranger uma maior diversidade.

Desta forma, o presente trabalho encontra-se organizado em duas partes. A primeira parte consiste na revisão da literatura realizada no âmbito da orientação vocacional em idade precoce e ao desenvolvimento do processo de aquisição da linguagem. A segunda parte assenta na construção de um recurso psicoeducativo, abordando-se os processos e metodologias de validação.

A construção deste recurso psicoeducativo não é uma tarefa fechada, embora apresente ter validade de construto ou facial há necessidade de o implementar, de o testar com os diversos públicos com a finalidade de perceber a recetividade pelos educadores ou outros profissionais que o possam utilizar e entender se é bem aceite pelo público e se de facto corresponde ao próprio constructo.

De facto, o recurso psicoeducativo “O meu livro das profissões” não é um trabalho acabado e avizinha-se que, de uma forma próxima, possa ser utilizado num estágio pré-profissional na instituição onde realizei o estágio curricular, uma instituição com várias valências: creche, jardim-de-infância e lar, o que me permitirá ensaiar tarefas de validação com os diversos públicos.

Palavras-chave: Profissões, Orientação Vocacional, Tomada de Decisão, Linguagem

My book of professions: Psychoeducational Resource of Promotion of Acquisition Language and Guidance Vocational

Abstract

Guidance Vocational psychology is based on vocational guidance. In other words, it is the process of identifying the professional activity that best suits the specific characteristics of the individual. This process results in a choice.

It is known that life is made of choices and so, it is impossible to avoid the decision-making process. Therefore, as human development increases, the choices tend to become more complex, requiring more skills and more knowledge, being often driven by transversality.

The main goal of the current study is the creation of an intervention resources set in the vocational guidance, premature, and able to enhance the language acquisition, throughout games and fun activities, original and attractive, which can be used by educators, children of kindergarten age and primary school, as well as individuals with cognitive deficient. So, it is intended to expand the target audience to cover greater diversity.

In this way, the present work is organized in two parts. The first part consists of a review of the literature on vocational guidance at an early age and the development of the language acquisition process. The second part is based on the construction of a psychoeducational resource, addressing the validation processes and methodologies.

The construction of this psychoeducational resource is not a closed task, although it has constructive or facial validity, there is a need to implement it, to test it with different audiences in order to perceive receptivity by educators or other professionals who can use

and understand it if it is well accepted by the public and if it really corresponds to the construct itself.

In fact, the psychoeducational resource "My book of professions" is not a finished work and it is close that, in a close way, it can be used in a pre-professional stage in the institution where I realized the curricular internship, an institution with several valences : kindergarten, kindergarten and home, which will allow me to test validation tasks with different audiences.

Key Words: Professions, Vocational Guidance, Decision-Making Process, Language

Agradecimentos

Nesta caminhada contei com o apoio direto e indireto de múltiplas pessoas. Foi uma caminhada longa, com muitas dificuldades, mas, também, com constantes superações, sempre acompanhadas a cada passo.

Desta forma, gostaria de agradecer à minha orientadora, a professora Doutora Ana Paula Couceiro Figueira por toda a disponibilidade, pela forma generosa com que mediou todas as reuniões e por todas as preciosas orientações e ensinamentos. Sem eles não teria sido possível. Estou-lhe inteiramente grata.

A todos os amigos, ainda que não tivessem consciência disso, foram fundamentais neste percurso. Obrigada pelas palavras de incentivo e pela vossa presença.

À ilustradora Ana Oliveira, pelo seu extremo profissionalismo e pela colaboração na realização deste sonho. Foi uma peça fundamental.

Não poderia deixar de agradecer à minha família por todo o apoio, pela força e pelo carinho demonstrado ao longo desta caminhada, por estarem sempre ao meu lado nos bons e maus momentos, não só no percurso académico, como em todos os domínios da minha vida. Obrigada por nunca desistirem de mim. Principalmente à minha mãe. A ti mãe, o meu muito obrigada por estares sempre ao meu lado, por teres acreditado em mim mesmo quando eu duvidei. Conseguimos.

Às minhas sobrinhas Leonor e Maria. São pequenas demais para o entender, no entanto, estiveram sempre presentes de uma forma muito especial neste projeto. Obrigada por inspirarem a minha vida.

E, obrigada a todos com quem me cruzei nesta caminhada, porque fizeram a diferença.

Índice

Introdução	- 1 -
I – Enquadramento Concetual	- 2 -
1. Desenvolvimento Humano	- 2 -
1.1 Orientação Vocacional	- 4 -
1.2 Tomada de Decisão	- 7 -
2. Competências Metalinguísticas	- 8 -
II - Objetivos	- 10 -
III - Metodologia	- 12 -
Recursos Didáticos	- 12 -
Elaboração e Validação dos Recursos/Instrumentos Psicoeducativos	- 12 -
Procedimentos	- 14 -
IV - Resultados	- 15 -
V - Discussão	- 17 -
VI - Conclusões	- 19 -
Bibliografia	- 20 -
Anexos	- 24 -

Introdução

O presente trabalho, “O meu livro das profissões: Recurso Psicoeducativo de promoção da linguagem e orientação vocacional”, desenvolveu-se no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia, da Universidade Coimbra.

Desde o início do século XX até à atualidade, vários autores (Leão, 2007; Papalia, Olds & Feldramon, 2001; Rosas, 1980; Taveira, Coelho, Oliveira & Leonardo, 2004) destacaram a relevância do período da infância para o desenvolvimento de competências, nomeadamente, o desenvolvimento da orientação vocacional. No entanto, é necessário dar continuidade ao trabalho que tem vindo a ser desenvolvido neste domínio.

A eficiência da aprendizagem aumenta muito em função da atratividade dos métodos ou meios de ensino (Costodi & Polinarski, 2009; Graells, 2000). Foi, então, a partir da combinação da importância da orientação vocacional em idade precoce e do desenvolvimento da linguagem, com a intervenção em contexto escolar e não escolar, que surgiu este trabalho: um recurso psicoeducativo que visa o desenvolvimento da orientação vocacional, através de exploração e o conhecimento de um conjunto alargado de profissões e a promoção da aquisição da linguagem, através de atividades de reconhecimento de letras e palavras. Trabalho que colhe justificação e argumentos teóricos, em contexto da Psicologia da Educação, fazendo parte da dimensão tecnológica aventada por Coll (1996).

Desta forma, o presente trabalho encontra-se organizado em duas partes. A primeira parte consiste na revisão da literatura realizada no âmbito da orientação vocacional em idade precoce e ao desenvolvimento do processo de aquisição da linguagem. A segunda parte assenta na construção de um recurso psicoeducativo, abordando-se os processos e metodologias de validação.

I – Enquadramento Concetual

1. Desenvolvimento Humano

Entende-se por Psicologia da Educação “uma disciplina ponte entre a Psicologia e a Educação” (Coll, 1996), que engloba três dimensões: a Dimensão Teórico ou Concetual, que corresponde ao conjunto de conhecimentos mais ou menos organizados sobre o funcionamento Psicológico (através da Psicologia da Aprendizagem, da Psicologia do Desenvolvimento, entre outras); a Dimensão Tecnológica Projetiva, que corresponde ao planeamento de projetos educativos e a elaboração de recursos educativos. Por último, a Dimensão Técnico-Prática, que diz respeito à prática propriamente dita (Coll, 1996).

Neste sentido, para Papalia e Feldman (2013), para perceber a Psicologia da Educação, é necessário entender que o crescimento e o desenvolvimento humano, embora se relevem mais notoriamente no período da infância, ocorrem ao longo da vida e acontecem de uma forma evolutiva, podendo sofrer influências culturais, sociais e económicas (Papalia & Feldman, 2013).

De acordo com Papalia, Olds e Feldramon (2001), o desenvolvimento humano manifesta-se numa série de estádios distintos, organizados de uma forma ascendente. Tal como aventa Piaget (n.d., in Papalia, Olds & Feldramon, 2001, p. 24), há quatro estádios do desenvolvimento: o primeiro, o estágio Sensório-motor, que vai do nascimento aos dois anos de vida, em que o bebé se vai gradualmente tornando capaz de organizar atividades em relação com o meio ambiente, através de atividade sensoriais e motoras; o 2º, estágio Pré-operatório, dos dois aos sete anos de idade, a criança utiliza um sistema de representações e usa símbolos para representar pessoas, lugares ou acontecimentos. Aqui, a linguagem e o jogo simbólico são manifestações muito importantes; no estágio das Operações Concretas, 3º estágio, que vai dos sete aos doze anos de idade, a criança pode resolver logicamente problemas se estiverem focalizados no aqui e no agora, no entanto, ainda não domina o pensamento abstrato; e, por último, o 4º estágio, Operações Formais, a partir dos doze anos de idade, o indivíduo domina o pensamento abstrato, ao mesmo tempo que lida com situações hipotéticas e pensa sobre possibilidades.

Por outro lado, Erikson (1976, in Rabello & Passos, n.d., p.), tendo como base o trabalho de Freud, defende que o desenvolvimento humano é essencialmente de natureza psicossocial, assumindo que o indivíduo é um ser social, vivendo em grupo e sofrendo influências do meio em que está inserido. O desenvolvimento psicossocial, para o autor, é sinónimo do desenvolvimento da personalidade e acontece ao longo de oito estádios que, no seu conjunto, constituem o ciclo de vida, em que cada estágio corresponde ao surgimento de um aspeto particular da personalidade. Um dos conceitos fundamentais na teoria de Erikson (1973; 1974; 1988a; 1988b, in Noack, 2007, p. 136), é o de Crise (psicossocial) ou de Conflito que o indivíduo vive ao longo do ciclo de vida, daí decorrendo a passagem para o estágio seguinte. Em cada estágio verifica-se uma tarefa em forma de conflito normativo expresso sob forma bipolar, em que a resolução é influenciada pela interação entre as exigências da sociedade e as características do indivíduo, e o conflito expressa-se entre os dois opostos, podendo ser resolvido positivamente ou negativamente

O primeiro estágio do Desenvolvimento Psicossocial de Erikson (1950, 1982, in Papalia, Olds & Feldramon, 2001, pp. 24-25) estende-se até aos dezoito meses de vida e é caracterizado pelo conflito entre Confiança – Desconfiança (o bebé desenvolve o sentido do mundo enquanto espaço seguro, ao resolver de forma positiva o seu conflito); o segundo estágio decorre entre os dezoito meses e os três anos de vida e o conflito assume a forma de Autonomia - Dúvida/Vergonha (a criança desenvolve um equilíbrio de independência sobre a vergonha e dúvida); o terceiro, Iniciativa – Culpa (a criança desenvolve a iniciativa, tenta coisas novas e não está preocupada com a culpa), ocorre entre os três e os seis anos de vida; de seguida, o conflito é o da Mestria – Inferioridade (a criança deve aprender competências da cultura ou enfrenta sentimentos de incompetência), dos seis anos à puberdade; o estágio da Identidade - Confusão da identidade decorre da puberdade à idade de jovem adulto (o adolescente deve determinar o seu próprio sentido de “Self” ou sente confusão acerca dos papéis); no estágio regido pelo conflito Intimidade – Isolamento, no jovem Adulto, o indivíduo procura estabelecer compromissos com os outros e, se mal sucedido, pode sofrer de isolamento e auto-absorção; no conflito Produtividade – Estagnação, o adulto maduro está preocupado com a confirmação e orientação da geração seguinte, ou então sente um empobrecimento pessoal; finalmente, no conflito Integridade – Desespero, as pessoas mais velhas aceitam

a sua própria vida, aceitando a morte, ou então vivem o desespero pela sua incapacidade de reviver a vida.

1.1 Orientação Vocacional

A orientação vocacional apresenta-se como um fenómeno indissociável do desenvolvimento humano geral (Silva, 2005), acontecendo de uma forma evolutiva, a par e em conformidade com os estádios do desenvolvimento. Consiste num processo dinâmico de aquisição de competências e de aprendizagem acerca do mundo de trabalho, ao longo do ciclo vital (Baptista & Costa, 2004).

Neste seguimento, e à medida que o estudo sobre o Desenvolvimento Humano avança, surge a Psicologia Vocacional, um ramo da Psicologia relativamente recente, que tem a sua origem no século XX, nos Estados Unidos da América (EUA), selecionando como objeto de estudo os processos que envolvem a decisão profissional (Taveira & Silva, 2011), deixando, assim, a escolha profissional de ser considerada um chamamento do divino (Rosas, 1980). No início do século, Parsons apresentou a escolha profissional como resultado de uma combinação entre as características pessoais e ocupacionais (Parsons, 1909, in Pelletier, Bujolb & Noiseux, 1979, p.11).

Segundo Rosas (1980), a Orientação Vocacional é considerada como um processo de identificação da “imperiosa atração” pela atividade profissional que se relaciona positivamente com as necessidades e aspirações individuais e com as capacidades gerais. Quando a análise das variáveis apresenta uma relação negativa, surge a necessidade de analisar outra opção. O autor defende, também, que esta atração natural é fruto de um conjunto de fatores biológicos, psicológicos, culturais e económicos, entre outros (Rosas, 1980).

Ainda de acordo com Rosas (1980), as vocações, resultantes da “imperiosa atração”, explicam-se através da combinação de vários elementos: as condições pessoais básicas, as aptidões, temperamento e saúde, motivações sociopessoais, área de interesses, valores, aspirações e pressões sociais; e, por último, as condições sociais, a informação ocupacional, oportunidades de treino e oportunidades de trabalho.

John Lewis Holland é considerado um grande marco no estudo da orientação vocacional, pois sugere que a personalidade remete para os interesses vocacionais. Tendo

como fundamento esta convicção, desenvolve a Teoria das Personalidades Vocacionais e Ambientes de Trabalho, sugerindo que a escolha profissional tem como base a procura de um meio social que permita ao sujeito utilizar as suas aptidões, valores (Magalhães, 2006). Nesta teoria, de acordo com as suas características individuais, os sujeitos são categorizados em seis tipos: realista (R), investigativo (I), artístico (A), social (S), empreendedor (E) e convencional (C), remetendo, assim, a escolha vocacional para as áreas que concernem os tipos que melhor os descrevem (Holland 1959, 1964, pp. 272-284, 1966^a, 1966b, in Pelletier, Bujolb & Noiseux, 1979, pp. 26-27).

Mark Saviksas (2013) desenvolve a Teoria da Construção da Carreira em que defende que os indivíduos constroem a suas carreiras através do construtivismo pessoal e social, resultando essa construção de escolhas que os indivíduos fazem ao longo do seu percurso de vida.

A perspectiva construtivista surge através da construção do “Eu” que, segundo Saviksas (2002), consiste na construção individual de representações simbólicas, que são condicionadas quer a nível interpessoal, como linguístico. Essas percepções fazem surgir a consciência de que cada indivíduo é um ser distinto e ocorrem em três estádios: “Eu como ator”: começa na infância, quando as crianças atuam como atores sociais e vão entender rapidamente a dinâmica da família e absorver os discursos culturais que a rodeiam, sendo esta interação que origina a construção das características individuais, que posteriormente influenciará o processo de construção da carreira; “Eu como Agente”: em que o indivíduo se apresenta à comunidade, nomeadamente, à escola, começando a construir metas, projetos e eventualmente a carreira futura. Logo, os atores, nesta fase, começam a ser encarados como agentes autorreguladores que buscam objetivos através da sua própria escolha; por último, o “Eu como Autor”: durante os anos de escola e de adolescência, o ator-agente é composto por inúmeras influências e identificações e torna-se um ser autodirigido quanto às suas metas e escolhas, assim como quanto à capacidade de resolução de problemas, pois é através delas que alcança os seu objetivos. Nesta fase, o indivíduo começa a construir narrativas que lhe fornecem bases para encontrar os temas de vida e as atividades profissionais congruentes com as suas características individuais (Savickas, 2013).

Durante o período de tempo que compreende a escolaridade obrigatória, as crianças e jovens estão recetivos e interagem com inúmeros estímulos e modos de comportamentos distintos, pois, encontram-se pouco condicionados pelas realidades

sociais e estereótipos. Porém, as suas atitudes e perceções sobre uma vida são influenciadas pelo meio ambiente em que está inserido, nomeadamente, perceções relacionadas com as suas competências (Johnson & Kottman, 1992, in Herr, Cramer & Niles, 2004, p. 338).

Neste sentido, os autores defendem que nos primeiros anos escolares, que correspondem ao estágio Pré-operatório do desenvolvimento e o das Operações Concretas (Papalia, Olds & Feldramon, 2001), as crianças e jovens devem: desenvolver uma atitude positiva em relação ao trabalho; compreender a importância da responsabilidade pessoal; desenvolver a noção da relação entre aprendizagem e o trabalho; tomar conhecimento da existência de um leque amplo de carreiras e perceber os indivíduos profissionalmente ativos no meio onde estão inseridos como uma fonte de informações sobre determinadas carreiras. Numa fase mais avançada do desenvolvimento devem aprender como relacionar interesses pessoais, atividades de lazer e habilidades com uma atividade profissional sem preconceitos ou estereótipos; entender que hábitos de trabalho eficazes na escola se refletem nos ambientes ocupacionais; entender que o planeamento da carreira resulta de um processo de tomada de decisão; perceber a relação entre as necessidades da comunidade e o trabalho realizado pelos membros dessa comunidade e a importância de trabalhar em grupo, quer em casa, na escola ou noutro ambiente social (Herr, Cramer & Niles, 2004).

Desta forma, as questões que envolvem a orientação vocacional e o processo de tomada de decisão são uma tarefa inequivocamente assumida pela escola e pelos professores, assim como o desenvolvimento vocacional. Contudo, é sobretudo a partir da década de 80 que surge no seio do sistema educativo a criação de uma estrutura específica, os Serviços de Psicologia e Orientação (SPO), embora com um campo de atuação mais vasto, consagrados na Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986¹ (Leão, 2007).

A diversidade de opções tornou-se tão extensa que emergiu a necessidade de uma intervenção precoce, através da exploração vocacional dirigida ao autoconhecimento do aluno e ao mundo, de modo a alargar e desenvolver conhecimentos e competências em torno de uma área de interesses, a fim de preparar uma escolha consciente que se refletirá na tomada de decisão final (Taveira, Coelho, Oliveira & Leonardo, 2004). Assim, espera-se que os professores recriem nos meios escolares simulações que permitam à criança ou

¹ Descrita em Diário da República disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/222418>

jovem experienciar vários papéis existentes na sociedade, para ajudar os alunos a desenvolver objetivos vocacionais realistas e congruentes com as suas características pessoais (Taveira, Coelho, Oliveira & Leonardo, 2004).

Pois, de acordo com Pelletier, Bujolb e Noiseux (1979), o desenvolvimento vocacional não está diretamente relacionado com amadurecimento, não surge à medida que a idade aumenta, sendo assim necessário trabalhá-lo ao longo do ciclo da vida e do percurso escolar, permitindo à criança ou jovem tomar consciência de si mesmo e do meio onde está inserido, assim como criar situações onde possa desenvolver-se através da exploração. Consequentemente, verifica-se uma relação entre a aprendizagem e o desenvolvimento humano, embora sejam processos independentes: a aprendizagem acontece à medida que o desenvolvimento avança (Vygotsky, 1991), o mesmo se verifica quanto ao desenvolvimento da orientação vocacional.

1.2 Tomada de Decisão

O ciclo de vida é feito por diversas transições, nomeadamente transições de carreira, e todas elas resultam de um processo de escolha. O processo de tomada de decisão é fundamental ao comportamento humano e ao desenvolvimento do ciclo de vida (Freitas, Macadar & Moscarola, 2014).

De acordo com a literatura, é impossível dissociar o comportamento humano do processo de escolha, que exige três condições para que possa ocorrer: em primeira instância, é necessária a existência de, pelo menos, duas possibilidades e que sejam percebidas pelo sujeito como prováveis; em segunda instância, a existência de motivação para realizar a escolha; e, por último, liberdade para optar e assumir a decisão escolhida (Cunha & Faria, 2009, in Vieira, 2011, p. 21).

Silva (2008, in Vieira, 2011, p. 20) apresenta a relação entre o processo de tomada de decisão, nomeadamente o processo de tomada decisão vocacional, com o desenvolvimento da capacidade de resolução de problemas. O conceito é também relacionado com o desenvolvimento das competências sociais e emocionais, logo, as decisões geradoras de estados emocionais desagradáveis são mais demoradas e difíceis de se concretizar (Damásio, 2000, in Soares, 2014, p. 8).

2. Competências Metalinguísticas

A linguagem é considerada a primeira forma de socialização da criança, iniciada de forma explícita através dos familiares próximos nas instruções verbais durante as atividades diárias. Desta forma, implicitamente assimilam valores culturais por meio de participações em interações verbais (Ely & Gleason, 1996, in Borges & Salomão, 2003, p. 327).

De acordo com Sim-Sim, Silva e Nunes (2008), o desenvolvimento da aquisição da linguagem é um processo gradual. Surge poucos meses após o nascimento com o início da comunicação intencional, e continua até ao nível onde as crianças conseguem utilizar a linguagem nas suas formas mais complexas.

Vários autores remetem o desenvolvimento da aquisição da linguagem para o domínio cognitivo (Lemos, 1986). Figueira e Pinto (2018) abordam o estudo da aquisição da linguagem e da consciência metalinguística e mostram que o seu desenvolvimento deriva de três fatores: de fatores externos à linguagem (fatores de natureza metacognitiva); de fatores internos à aquisição da linguagem e de fatores históricos, sociais e culturais.

Os fatores metacognitivos surgem entre os 4 e os 8 anos de idade e manifestam-se através da forma como a criança aborda e resolve as tarefas cognitivas, como, por exemplo, as tarefas metalinguísticas. Este tipo de processamento da linguagem difere do que é normalmente utilizado para compreender e produzir frases pela sua natureza reflexiva. Ou seja, a criança pode compreender o significado de uma frase, mas só numa fase mais avançada do seu desenvolvimento conseguirá refletir sobre ele (Figueira & Pinto, 2018).

Os fatores inerentes à aquisição da linguagem revelam que nos primeiros estádios de aquisição da linguagem, a criança espontaneamente atualiza os processos de autocorreção e de replanificação do discurso, que devem necessariamente envolver algum grau de consciência (Clark & Andersen 1979, in Figueira & Pinto, 2018, p. 19).

E, os fatores históricos ou sociais explicam o desenvolvimento metalinguístico, baseando-se na natureza intrinsecamente histórica, social e cultural da língua e na importância do seu papel como mediador em qualquer interação educacional ou educativa (Figueira & Pinto, 2018).

Já para Sim-Sim, Silva e Nunes (2008), a aquisição da linguagem ocorre através de quatro domínios do desenvolvimento: o Desenvolvimento Fonológico (ocorre desde o nascimento através do choro até ao desenvolvimento da capacidade de articulação dos fonemas, e conseqüente capacidade para distinguir e articular todos os sons da língua); o Desenvolvimento Sintático (este domínio do desenvolvimento ocorre durante toda a infância. Inicialmente as crianças começam por produzir e verbalizar palavras isoladas que representam frases); o Desenvolvimento Semântico (que consiste no conhecimento do significado das palavras, das frases, do discurso e da respetiva organização); e o Desenvolvimento Pragmático (este diz respeito à adaptação das regras da comunicação).

O desenvolvimento e aprendizagem da linguagem são influenciados pelas experiências de comunicação a que a criança é sujeita (Sim-Sim, 1998, in Soares, 2017, p. 10). E, segundo Sim-Sim (2006, Tavares, 2018, p.5), o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita assumem um papel extremamente importante nas aprendizagens académicas e até mesmo nas atividades do quotidiano, podendo, inclusivamente, ditar o sucesso ou insucesso escolar. Neste sentido, o Mistério da Educação (2016) apresenta o desenvolvimento da linguagem escrita e oral como parte integrante do currículo da educação pré-escolar.

Assim, a educação pré-escolar deve promover a comunicação oral (através do treino da compreensão, produção e funcionalidade linguagem oral); promover a consciência linguística (proporcionando a consciencialização gradual sobre os diferentes segmentos orais que constituem as palavras, iniciando, assim, a consciência fonológica com atividades que proporcionam a identificação das diferentes palavras numa frase); o desenvolvimento da consciência da palavra (incentivando a análise e a correção das frases com o objetivo de dar início ao desenvolvimento da consciência sintática); promover a consciencialização da funcionalidade da linguagem escrita e sua utilização (através do reconhecimento das letras, da perceção da sua organização na formação de palavras e a perceção da relação entre a escrita e a mensagem oral); e por último, motivar e incentivar a aprendizagem da leitura e a escrita como uma atividade que capaz de proporcionar prazer e satisfação (Mistério da Educação, 2016).

Desta forma, surge a necessidade de criar recursos psicoeducativos sensíveis ao processo de desenvolvimento da linguagem escrita e oral que possam servir de apoio às intervenções pedagógicas em contexto escolar.

Castelo, Freitas e Miguens (2010, in Tavares, 2018, pp. 10-12) revelam que o treino das competências linguísticas deve ser um processo de exploração, podendo acontecer através de inúmeras tarefas ou atividades. Nomeadamente, tarefas de segmentação (análise dos segmentos do discurso), de reconstrução (baseada na união de segmentos, ou seja, o oposto da segmentação), de manipulação (pode passar por omitir ou adicionar segmentos, inverter a posição ou substituir um segmento), e identificação, através do reconhecimento das sílabas e das palavras.

II - Objetivos

O presente trabalho tem como objetivo a elaboração de um recurso psicoeducativo, embora tarefa aberta, que visa trabalhar o desenvolvimento da linguagem e a orientação vocacional precoce através de jogos e atividades lúdicas, originais e atrativas, que possam ser utilizadas por educadores e professores, tendo como público-alvo preferencial crianças da segunda à terceira infância (dos 3 aos 12 anos). No entanto, potencialmente, este recurso, tem, simultaneamente, o objetivo de promover e desenvolver a aquisição da linguagem compreensiva e escrita, o desenvolvimento de competências de atenção, memória e raciocínio lógico, percepção, competências ao nível das representações mentais, competências criativas e de motricidade fina e autonomia na pesquisa e recolha de conhecimento e, quando aplicado em grupo, competências sociais e emocionais. Podendo, igualmente, ser utilizado no trabalho com indivíduos em declínio cognitivo, nomeadamente idosos.

Neste sentido, esta ferramenta foi pensada de forma a reunir condições para ser útil no desenvolvimento de competências durante todo o ciclo de vida humano, necessitando, eventualmente, de alguns ajustes, de acordo com a idade cronológica ou cognitiva do público-alvo.

Apesar de ser uma ferramenta intitulada “O meu livro das profissões”, apresenta ter potencial para desenvolver competências além da aprendizagem e aquisição de conhecimentos relacionados com as profissões. É suscetível de promover competências linguísticas quer a nível verbal como a nível da escrita, através do reconhecimento das

letras, fonemas e grafemas; competências de motricidade fina, através de tarefas que impliquem a escrita, o desenho, recortes e colagens; competências numéricas, através de atividades que envolvam o reconhecimento numérico; desenvolvimento de competências a nível das representações mentais, através de atividades que requeiram a construção de um texto. Em simultâneo, promove autoconhecimento e a descoberta do meio onde está inserido, através de tarefas que envolvem a exploração do meio e de si mesmo. Pode, julgamos, assim, ser utilizado com e para crianças e indivíduos até com declínio cognitivo.

Esta proposta, vai, pois, ao encontro do preconizado para o desenvolvimento da linguagem ao nível da educação pré-escolar, pelo Ministério da Educação. Tratando-se de um conjunto de atividades didáticas com o objetivo de despertar, motivar e impulsionar as crianças a aprender de uma forma lúdica, promove a aprendizagem autodirigida, através das atividades que implicam a pesquisa de informação, nomeadamente, através do uso do dicionário.

Este recurso apresenta uma grande diversidade de atividades, que podem ser entendidas como tarefas, desafios ou jogos. De forma a mediar a sua aplicabilidade, este instrumento será suportado por um manual técnico com instruções relativamente às atividades propostas. No entanto, não se trata de um programa normativo, embora estruturado, podendo ser utilizado de forma flexível pelos educadores ou de forma livre pelos próprios utilizadores.

Este recurso está redigido na terceira pessoa do singular dado, de forma a ser possível usá-lo, transversalmente, com qualquer faixa etária. No entanto, quando aplicado a crianças da educação pré-escolar, deve adequar-se o tempo verbal, evocando as instruções na primeira pessoa do singular.

III - Metodologia

Recursos Didáticos

A primeira questão assenta no significado de um recurso educativo, segundo Graells (2000), que pode ser um qualquer material que seja usado com fins didáticos, em determinado contexto educativo. Ou seja, um material que seja usado para facilitar a aprendizagem, tornando-a mais atrativa (Gonçalves, 2015). De acordo com Graells (2000), os recursos educativos podem ser apresentados através de variadíssimas formas: Materiais Convencionais (livros, revistas, fotocópias de materiais, documentos escritos jogos didáticos, materiais manipuláveis, materiais de laboratório); Materiais Audiovisuais (filmes; diapositivos; acetatos; rádios; CD's, Dvd, cassetes, discos televisão; vídeo; documentários) e Novas Tecnologias (computador, programas informáticos, internet, televisão interativa).

De acordo com Costoldi e Polinarski (2009, p. 2), “os recursos didáticos são de fundamental importância no processo de desenvolvimento cognitivo do aluno”, uma vez que desenvolvem a capacidade de observação, que constroem uma proximidade entre a criança/jovem e a realidade, permitindo uma fixação do conteúdo de uma forma mais rápida e eficiente que resultará numa aprendizagem mais efetiva, capaz de cristalizar e aplicar esse conhecimento em qualquer situação do seu dia-a-dia.

Elaboração e Validação dos Recursos/Instrumentos Psicoeducativos

Desenvolver um recurso Psicoeducativo carece de várias preocupações, nomeadamente no que respeita à validade do recurso, pois são características essenciais que determinam a qualidade de qualquer instrumento de medida ou ferramenta educativa. É através da análise da validade do instrumento que se consegue perceber se este está a medir o que se propõe a medir, a intervir sobre o que se propõe intervir, logo, a validade diz respeito à exatidão com que um conceito é medido ou operacionalizado para intervenção (Fortin, 1996). No entanto, dada a dificuldade de avaliação da validade dos instrumentos, muitas vezes assume-se a validade até que alguém comprove o contrário (Schavelson, 1988).

Raimundo (2009) afirma que a validação é o processo de examinar a precisão de uma determinada previsão. Validar é mais do que a demonstração do valor de um instrumento de medida, é todo um processo de investigação. O processo de validação não se esgota, pelo contrário, pressupõe continuidade e deve ser repetido inúmeras vezes para o mesmo instrumento.

No que respeita à validade de instrumentos, Schweigert (1994) distingue três tipos: validade de critério (*criterion validity*), concetual (*construct validity*) e facial (*face validity*). Porém, estes autores não foram os únicos a debruçar-se sobre o tema: Fortin (1996) defende a existência de três formas de validade, mas apresentando-as com terminologias diferentes: a validade de conteúdo; a validade de critério; e, a validade de construto.

O trabalho da validação de instrumentos tem-se revelado muito consensual, na medida em que vários autores têm apresentado três tipos de validades: validade de critério; validade concetual; e validade facial (Schavelson, 1988). A validade de critério corresponde ao grau em que um método de medição se correlaciona com outros métodos já estabelecidos para o mesmo fenómeno. Este tipo de validade é constituído pela validade de critério preditiva: o grau em que o resultado de um teste ou medida prevê o comportamento futuro do indivíduo; e pela validade de critério concorrente: o grau em que um novo método se correlaciona com outro já existente e tido como válido. De seguida, a validade concetual que diz respeito ao método de medição de um conceito ou fenómeno: se um método se destina a medir um certo conceito, então deve correlacionar-se fortemente com outros métodos já existentes para esse mesmo conceito. Por fim, a validade diz respeito ao grau em que um método aparenta medir aquilo que de facto pretende medir. Para o efeito, o conjunto de enunciados que constituem o instrumento devem ser representativos do conceito a medir. Neste sentido, espera-se que a escolha dos enunciados deve ser realizada a partir de um domínio bem definido (Bolton, 1976, in Fortin, 1996, pp. 225-232).

No que concerne à validação de um recurso ou instrumento é, também, necessário ter em conta outros dois tipos de validade: a interna e externa. A validade interna depende da capacidade do método responder às questões propostas inicialmente, medindo até que ponto os resultados são produto das variáveis que foram selecionadas, observadas e medidas e não fruto de variáveis externas não tidas em conta. A validade externa mede

até que ponto os resultados obtidos pelo método ou teste podem ser generalizados para outras situações com outros indivíduos (Ribeiro, 2010).

O presente recurso psicoeducativo teve em conta os critérios de validade de constructo. Porém, é imperativo dar continuidade ao processo de validação, nomeadamente, a validade facial, com o intuito de perceber se promove o que realmente se propõe trabalhar e a validade concorrente, com o propósito de analisar o grau com que se correlaciona com outros instrumentos que abordam as mesmas questões e são tidos como válidos.

Procedimentos

A construção desta ferramenta decorreu ao longo do presente ano letivo e passou por quatro momentos: o primeiro momento foi dedicado à exploração exaustiva das várias profissões existentes em Portugal e reflexão e estudo sobre as competências linguísticas e estratégias de desenvolvimento. O segundo momento, e após a recolha de um leque alargado de profissões, foi destinado à descrição/significado de cada profissão tendo como base o conteúdo do dicionário Priberam.

De seguida, o terceiro momento, foi destinado à seleção das quarenta profissões, ilustradas na primeira componente do livro. Dezanove correspondem ao sexo feminino e vinte e uma ao sexo masculino, tendo sido projetado uma divisão por sexo equilibrada. A seleção da escolha das profissões para ilustração teve como critério a escolha das atividades profissionais, possivelmente, menos conhecidas pelo público-alvo e simultaneamente atrativas. Nesta fase, procedemos, igualmente, à exploração e idealização de atividades e/ou tarefas, potencialmente capazes de corresponder aos critérios presentes no currículo da educação pré-escolar e primeiro ciclo do ensino básico, proposto pelo Ministério da Educação. Ainda, no terceiro momento, foi solicitado o contributo da ilustradora Ana Oliveira, formalizando-se as questões inerentes aos direitos de autor.

Por último, o quarto momento, o momento de execução do próprio livro, a conjugação das ilustrações com as tarefas previamente planeadas.

Embora esteja concluído, considera-se uma tarefa aberta que necessita ser testada e validada. E, de acordo com os resultados da validação pode vir a ser sujeito a alterações e melhoramentos.

IV - Resultados

O presente trabalho, enquanto projeto de dissertação, traduz-se ou resulta na elaboração e apresentação do “O meu livro das profissões”: um recurso psicoeducativo, que assenta na promoção da linguagem e o desenvolvimento da orientação vocacional. Esta ferramenta é apresentada em forma de dicionário ilustrado, tendo como temática as profissões.

O recurso contempla duas componentes, a primeira é composta por conteúdos lúdicos e interativos, organizados por ordem alfabética e, a segunda componente, um dicionário que reúne um conjunto alargado de profissões de “A” a “Z”, permitindo a promoção da autonomia e a familiarização com os hábitos de consulta. Por último, uma atividade de grupo, “Quem sou eu?”.

Este recurso psicoeducativo, de cariz exploratório, tarefa naturalmente, não acabada, tem na sua arquitetura um total de cento e oitenta páginas, em duas componentes. A primeira componente é organizada por ordem alfabética, em que, para cada letra do abecedário, são apresentadas duas profissões ilustradas e um conjunto de atividades lúdicas e educativas. Estas atividades têm como objetivo promover as competências linguísticas quer a nível verbal como a nível da escrita, através do reconhecimento das letras, fonemas e grafemas, por meio de atividades de complemento e identificação de palavras e letras. Como, por exemplo, tarefas em que é pedido que “complete esta palavra com a letra A”; “organize e escreva as sílabas de forma a completar a palavra “rececionista”. Igualmente, atividades que pretendem o desenvolvimento de competências de motricidade fina, através de tarefas que impliquem o desenho, recortes e colagens, através de tarefas como “quais são os instrumentos utilizados pelo jardineiro? Escreva e/ou desenhe os que conhece”; “complete a figura”; o desenvolvimento de competências de termo, com o objetivo de desenvolver noções topológicas e de

lateralidade: “identifique e faça corresponder as imagens do lado direito à imagem do lado esquerdo”, de tarefas que impliquem a identificação numérica, e a identificação de figuras geométricas, assim como das cores, como, por exemplo, “Dentro de cada grupo de imagens assinale os pares com um círculo azul, o que estiver a mais assinale com um X”. Em simultâneo, prevê-se o desenvolvimento e conhecimento de si mesmo e do meio onde está inserido, através de tarefas que envolvem a exploração do meio, como, por exemplo, a identificação das profissões das pessoas que o rodeiam, do que gosta de fazer, do seu animal preferido, entre outros.

A segunda componente do recurso psicoeducativo apresenta-se, também, em formato de dicionário, onde o sujeito pode encontrar um leque mais alargado de profissões de “A” a “Z” e as suas respetivas definições e, desta forma, promover a autonomia, familiarização com os hábitos de pesquisa e com a utilização de um dicionário. Ainda, de realçar que ao longo das atividades apresentadas na primeira componente deste recurso psicoeducativo vai existindo correspondência ao dicionário.

Por último, é sugerida uma atividade de grupo: “Quem sou Eu”. Este jogo é composto por um conjunto de cinquenta e quatro cartões: quarenta representam profissões ilustradas; dez cartões são em branco, podendo representar uma profissão sugerida pelo sujeito e os restantes de “Retrocesso”, obrigando a repor os cartões que o sujeito tem na sua posse. E, um dado: em que três fases dizem “mímica”; duas fases, “desenho” e, a última, “Podes escolher”, podendo ser desenho ou mímica. Para dar início ao jogo, é necessário baralhar os cartões. O elemento selecionado retira um cartão e deve lançar o dado para saber de que forma vai apresentá-lo aos colegas, ou seja, pode ser apresentado através de mímica ou de grafismo. Quem acertar fica habilitado a tirar um cartão e a executar a tarefa. Quem tiver mais cartões “vence”. Esta atividade promove a capacidade de representação mental, assim como a capacidade de comunicação não-verbal e, acima de tudo, o treino, de uma forma lúdica. Ainda, para começar o jogo, os cartões terão que ser recortados de forma a construir um baralho de cartas, e o mesmo terá que acontecer com o dado. Este terá que ser recortado e montado. Para dar início ao jogo, é necessário baralhar os cartões.

Se por razões várias não apresentamos o próprio livro em anexo, a penas ao júri, iremos, no entanto, dar conta de algumas das tarefas propostas, ou exemplos, de forma mais operacionalizada. Assim,

A primeira atividade é de autoexploração, com a construção da árvore genealógica, onde é pedido “complete os quadrados com os nomes, desenho e/ou fotografias dos elementos da sua família. Se tiver irmãos, deve colocar essa informação ao lado da sua fotografia” ou, “Qual é a minha comida preferida?” ou, “o que mais gosto de fazer?”.

Com a exploração das profissões por ordem alfabética, surgem variadíssimas tarefas. Todas as profissões são apresentadas em função do sexo (variando entre o feminino e o masculino) e número (variando entre o singular e o plural). Por exemplo, para a letra A, a profissão advogada: é sugerido a atividade em que é pedido “solete e escreva as palavras, advogada e ADOGADA”; “quantas letras tem a palavra advogada”; “quantas sílabas tem a palavra advogada” ou, “aqui estão algumas imagens associadas à profissão de advogada/o. Assinale com um trapézio amarelo o objeto menor”. Para a letra B, apresentamos a profissão de bibliotecária, entre outras tarefas, é pedido, “faça um círculo azul em todas as letras I em maiúsculas e letra i e minúsculas; copie as palavras” ou, “elabore uma pequena história sobre o que gostaria de ser quando crescer”. Para a letra C, “complete com as vogais em maiúsculas (A, E I, O, U) e as vogais em minúsculas (a, e, i, o, u). E, assim sucessivamente para as restantes letras do alfabeto.

V - Discussão

O presente trabalho emerge na tentativa de construir um recurso psicoeducativo capaz de combinar o desenvolvimento da orientação vocacional em idade precoce e o desenvolvimento da linguagem com a intervenção em contexto escolar e não escolar. Trata-se de um instrumento de avaliação/intervenção que visa o desenvolvimento da orientação vocacional, através de exploração e o conhecimento de um conjunto alargado de profissões e a promoção da aquisição da linguagem, através de atividades de reconhecimento de letras e palavras.

Tando quanto é do nosso conhecimento, não existe no mercado nenhum recurso psicoeducativo com a mesmas características, objetivos e configurações. Neste sentido, surge “O meu livro das profissões”, uma ferramenta psicoeducativa passível de ser usada

com crianças dos 3 aos 12 anos e, dadas as características das atividades propostas, igualmente, capaz de ser usado com indivíduos, eventualmente, em declínio cognitivo.

Este recurso psicoeducativo teve como base as orientações curriculares do Ministério da Educação para a educação pré-escolar e primeiro ciclo do ensino básico. Trata-se de um conjunto de atividades didáticas com o objetivo de despertar, motivar e impulsionar as crianças a adquirir conhecimentos de uma forma lúdica. E, simultaneamente, a promoção da aprendizagem autodirigida, através de atividades que implicam a pesquisa e recolha de informação (por exemplo, através de tarefas em que é pedido “Explore e verifique se encontra profissões iniciadas com esta letra noutra idioma. Pode usar *Internet*, através do google, o dicionário, perguntar a um amigo, aos professores ou aos pais e irmãos”).

Neste sentido, o recurso, potencialmente, será capaz de promover a comunicação oral e escrita, providenciando o treino da compreensão, produção e funcionalidade da linguagem oral e escrita, através de atividades como, por exemplo: “complete a frase: se eu fosse pastor/a” ou, “há vários tipos de flores, escreva e/ou diga as flores que conhece”; de promover a consciência linguística, proporcionando a consciencialização gradual sobre os diferentes segmentos orais que constituem as palavras, através de tarefas em que é pedido “solete e copie as seguintes palavras”; o desenvolvimento da consciência da palavra, incentivando a análise e a correção das frases, através de tarefas que impliquem a correção de palavras, como exemplo, “encontre e assinale o erro ortográfico nas seguintes palavras”; de promover a consciencialização da funcionalidade da linguagem escrita e sua utilização, promovendo o reconhecimento das letras, da perceção da sua organização na formação de palavras e a perceção da relação entre a escrita e a mensagem oral, através de tarefas em que é pedido, “organize as sílabas de forma a escrever a palavra ilustradora”; e, por último, motivar e incentivar a aprendizagem da leitura e a escrita como uma atividade que capaz de proporcionar prazer e satisfação, na medida que se trata de um recurso com atividades lúdicas. Acresce poder ser um orientador profissional e vocacional, no sentido da aprendizagem de vocabulário em torno das múltiplas profissões

Embora esteja concluído, considera-se uma tarefa aberta que necessita ser testada e validada. E, de acordo com os resultados da validação pode vir a ser sujeito a alterações e melhoramentos.

VI - Conclusões

Embora se encontre no mercado outros recursos psicoeducativos (como por exemplo: “O que eu quero ser...”, de José Letria; “KIDIDOC – As Profissões”, de Sylvie Baussier) a abordar a temática da tomada de decisão precoce e orientação vocacional, a aquisição da linguagem compreensiva e escrita, o desenvolvimento de competências de atenção, memória e raciocínio lógico, percepção, competências ao nível das representações mentais, competências criativas e de motricidade fina e autonomia na pesquisa e recolha de conhecimento e competências sociais e emocionais, pareceu-nos que esses recursos não esgotam a dimensão do tema abordado.

Quanto é do nosso conhecimento não existe um recurso que contemple todas estas tarefas de desenvolvimento num só material, neste sentido, numa tentativa de construir um recurso mais completo, capaz de reunir todas estas valências, desenvolvemos a presente ferramenta.

Neste sentido, o presente trabalho assentou na construção de um recurso psicopedagógico. Foi criado com o objetivo de ser uma ferramenta psicopedagógica no trabalho da orientação vocacional, da aquisição da linguagem, assim como o desenvolvimento de questões psicológicas, através do autoconhecimento e do reconhecimento do meio social onde está inserido e, simultaneamente, para o treino com indivíduos com declínio cognitivo.

A construção deste recurso psicoeducativo não é uma tarefa fechada, embora apresente ter validade de construto ou facial há necessidade de o implementar, de o testar com os diversos públicos com a finalidade de perceber a recetividade pelos educadores ou outros profissionais que o possam utilizar e entender se é bem aceite pelo público e se de facto corresponde ao próprio constructo.

É, também, necessário dar continuidade ao processo de validação, nomeadamente a validação concetual ou concorrente, de forma a perceber se este instrumento, que pode funcionar como recurso de avaliação e/ou de treino ou intervenção, se correlaciona com outros já existentes, nomeadamente o Sicole-R, que consiste num instrumento de avaliação em versão computadorizada, de aplicação individual, construído para avaliar os processos cognitivos implicados na leitura, especificamente, pensado para analisar a dislexia (Jiménez, 2009). Igualmente, e, eventualmente, correlacionar com o THAM-1,

instrumento de medida da consciência metalinguística através de várias habilidades metalinguísticas, destinado a crianças do 4 aos 5 anos de idade; THAM-2, instrumento de avaliação da consciência metalinguística, para sujeitos dos 9 aos 14 anos de idade e o THAM-3, instrumento de avaliação das habilidades metalinguísticas, indivíduos com idade superior a 16 anos (Figueira & Pinto, 2018).

De facto, o recurso psicoeducativo “O meu livro das profissões” não é um trabalho acabado e avizinha-se que, de uma forma próxima, possa ser utilizado num estágio pré-profissional na instituição onde realizei o estágio curricular, uma instituição com várias valências: creche, jardim-de-infância e lar, o que me permitirá ensaiar tarefas de validação com os diversos públicos.

Bibliografia

- Baptista, C. M. & Costa, J. A. (2004). O desenvolvimento vocacional numa perspetiva de integração curricular. In M. C. Taveira, H. Coelho, H. Oliveira, & J. Leonardo (Eds.), *Desenvolvimento vocacional ao longo da vida: Fundamentos, princípios e orientações* (pp. 171-180). Coimbra: Almedina.
- Baussier, S. (2009). *KIDIDOC – As Profissões*. Lisboa: Edicare Editora.
- Borges, L., C. & Salomão, N., M., R. (2003). A aquisição da linguagem: Considerações da Perspectiva da Interação Social. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(2), pp. 327-336.
- Coll, C. (1996). Psicologia da Educação: Aproximação aos Objetivos e Conteúdos da Psicologia da Educação. In C. Coll, J., Palacios, & A. Marchesi (Eds), *O Desenvolvimento Psicológico da Educação* (v 2, pp. 9-21). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Costodi, R. & Polinarski A. C. (2009). *Utilização de recursos didáticopedagógicos na motivação da aprendizagem*. (Programa de Pós-Graduação não publicada). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil.
- Figueira, A. P. C. & Pinto, M., A. (2018). *Consciência Metalinguística. Teoria, desenvolvimento e instrumentos de avaliação*. Alverca: Psiclínica.
- Fortin, M. F. (1996). *O Processo de Investigação. Da Conceptualização à Realização*. Loures: Lusociência.

- Freitas, H., Macadar, M. & Moscarola, J. (1996). *Na busca de um método quanti-qualitativo para estudar a percepção do tomador de decisão*. Rio de Janeiro: Anais.
- Gonçalves (2015). *A Importância dos Recursos Didáticos para as Aulas de Geografia*. Disponível em: http://www.falaprofessor2015.agb.org.br/resources/anais/5/1441761818_ARQUIVO_RelatodeexperienciaFalaProfessor.pdf
- Graells, P. M. (2000). *Los medios didácticos y los recursos educativos*. Disponível em: <file:///C:/Users/Utilizador/Desktop/usado%20na%20tese/Los%20medios%20didaticos%20y%20los%20recursos%20educativos%20%20Pere%20Marqués%20Graells%20-%202009.pdf>
- Herr, E. L., Cramer, S. H. & Niles, S. G. (2004). *Career Guidance and Counseling: Though the Lifespan*. United States of America: Pearson.
- Jiménez, J. E., Guzmán, R., Ortiz, R., Díaz, A. Estévez, A. García, E., et al. (2009). Validez discriminante de la batería multimedia SICOLE-R-Primaria para la evaluación de procesos cognitivos. *Revista de Investigación Educativa*, (27)1, 49-71.
- Leão, P. (2007). A Promoção do Desenvolvimento Vocacional em contexto Escolar: O(s) Tempo(s) e o(s) Modo(s). *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, 5(2), 63-78.
- Lemos, C. T. G. (1986). Interacionismo e Aquisição da Linguagem. *D. E. L. T. A.*, 2(2), 231-248.
- Letria, José. (2012). *O que eu quero ser*. Lisboa: Clube do Autor.
- Magalhães, M. O. (2006). Relação entre Personalidades Vocacionais e Estilos Interpessoais. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 7(1), 11-22.
- Ministério da Educação (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Direção-Geral da Educação. Disponível em: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Noticias_Imagens/ocepe_abril2016.pdf
- Ministério da Educação (2016). *Orientações Curriculares para o 1º ciclo do ensino básico*. Direção-Geral da Educação. Disponível em: <http://www.dge.mec.pt/sites/>
- Noack, J. (2007). Reflexões sobre o acesso empírico da teoria de identidade de Erik Erikson. *Interação em Psicologia*, 11(1), 135-146.
- Papalia, D. E. & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano* (12ª ed.). São Paulo: AMGH editora.
- Papalia, D. E., Olds, S. W. & Feldman, R. D. (2001). *O Mundo da Criança*. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/kzuda/desenvolvimento-humano-diane-e-papalia>
- Pelletier, D., Bujold, C. & Noiseux, G. (1979). *Desenvolvimento Vocacional e Crescimento Pessoal*. Petrópolis: Vozes.

- Rabello, E. & Passos, J. S. (n. d.). *Erikson e a Teoria Psicossocial do Desenvolvimento*. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/Ivaipinheiro/erikson-33245574>
- Raimundo, V. P. (2009). Construção e validação de instrumentos: um desafio para a psicolinguística. *Letras de Hoje*, 44(3), 86-93.
- Ribeiro, J. L. (2010). *Investigação em Psicologia e Saúde* (2ªed.). Lisboa: Placebo.
- Rosas, P. (1980). *Vocação e Profissão* (3ª ed). Lisboa: Vozes.
- Savickas, M. (2013). Career Construction. Theory and Practice. In S. D. Brown, & R. W. Lent (Eds.), *Carrer Development and Counseling* (pp.147-183). United States of America: Wiley.
- Savickas, M. L. (2002). Career construction: A developmental theory of vocational behavior. In D. Brown (Ed.), *Career choice and development* (pp. 149-205). San Francisco: Jossey-Bass.
- Schavelson, R. (1988) *Statistical Reasoning for the Behavioral Sciences*. New York: Allyn and Bacon.
- Schweigert, W. (1994) *Research methods and statistic for psychology*. New York: Brooks Cole Publishing Company.
- Silva, J. T. (2005). Avaliação de carreira em contexto escolar. *Revista de Psicologia, Educação e Cultura*, (4)2, 379-400.
- Sim-Sim, I., Silva, A. C. & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância*. Ministério da Educação: Lisboa
- Soares, C. M. S. (2017). *Promoção da Consciência Fonológica numa Criança com uma Perturbação Fonológica no Pré-Escolar*. (Tese de mestrado não publicada). Escola Superior da Educação de Coimbra. Coimbra
- Soares, S. (2014). *Escolha Vocacional em Adolescentes: Contributos de Competências Sociais e Emocionais*. (Tese de mestrado não publicada). Universidade dos Açores. Ponta Delgada.
- Tavares, A. R. S. (2018). *Consciência Metalinguística para a Educação pré-escolar: Arquitetura e desenvolvimento de um programa de intervenção*. (Tese de mestrado não publicada). Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Taveira, M. C. & Silva, J. T. (2011). *Psicologia Vocacional: perspetivas para a Intervenção*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Taveira, M. C., Coelho, H., Oliveira, H. & Leonardo. J. (2004). *Desenvolvimento Vocacional ao Longo da Vida. Fundamentos, Princípios e Orientações*. Coimbra: Almedina.

Vieira, C. M. S. (2011). *As dificuldades de Tomada de Decisão Vocacional e o Auto-Conceito em Alunos do 8º e 9º ano de Escolaridade*. (Tese de mestrado não publicada). Universidade Fernando Pessoa. Porto.

Vygotsky, I. S. (1991). *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Fontes Editora Ltda.

Anexos

O recurso produzido “O meu livro das profissões”, por exceder o limite de espaço permitido, será disponibilizado pela autora do trabalho a quem estiver interessado.